

A FANTASIA EM A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN¹

THE FANTASY IN *THE LITTLE MATCH GIRL* BY
HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Heitor Augusto Colli Trebien²

RESUMO: O presente trabalho analisou o processo de criação do conto *A pequena vendedora de fósforos*, de Hans Christian Andersen, e o correlacionou com o conceito de fantasia formulado por Freud, na obra *Escritores criativos e devaneios*, de 1908. Lassen, Eggensperger, Todorov, Silva e Vagula e Souza foram as bases teóricas da literatura utilizadas para se compreender a estrutura do conto e seu processo de produção. Para se realizar essa conexão entre os textos, foi realizada uma revisão de literatura narrativa, que permitiu correlacionar os diferentes tipos de textos. Como resultado, descobriu-se que Andersen se baseou em uma xilogravura para criar sua protagonista, dando um novo sentido ao que se pensava de pedintes na época. No caso da leitura da obra de Freud, observou-se a importância da fantasia no processo de reelaboração da realidade brutal.

Palavras-chave: Fantasia. *A pequena vendedora de fósforos*. Hans Christian Andersen. Freud.

ABSTRACT: The present work analyzed the process of creation of the tale *The little match girl* by Hans Christian Andersen and related it to the concept of fantasy formulated by Freud in the work *Creative Writers and Daydreams* in 1908. Lassen, Eggensperger, Todorov, Silva and Vagula and Souza were the theoretical basis of the literature used to understand the structure of the tale and its production process. To make this connection between texts, it was made a review of narrative literature, that allowed to correlate the different types of texts. As result, it was found that Andersen was based on a woodcut to create its protagonist, giving a new sense to what was thought of beggars at the time. In the case of reading Freud, it was observed the importance of fantasy in the process of reworking the brutal reality.

Keywords: Fantasy. *The little match girl*. Hans Christian Andersen. Freud.

¹ Artigo recebido em 20 de abril de 2019 e aceito em 14 de junho de 2019. Texto orientado pela Profa. Me. Flávia Maria de Paula Soares (PUC-PR).

² Mestrando do Curso de Letras (Literatura e outras linguagens) da UFPR.
E-mail: heitor.trebien@gmail.com



INTRODUÇÃO

No conto maravilhoso, como Todorov (2010) explica, há acontecimentos de ordem sobrenatural, sem o questionamento, por parte do leitor, sobre a existência de eventos surpreendentes. Não há um limite claro entre fantasia e realidade, sendo os elementos extraordinários a base do cenário desse subgênero literário. O autor salienta que os contos de fadas são uma variedade do conto maravilhoso, com uma forma diferente de escrita.

Segundo Gillig (1999), Machado (2010) e Tatar (2013) a narrativa dos contos de fadas se destaca por trazer componentes altamente afetivos, envolvendo a infância e o seio familiar. Não raro aparecem personagens como fadas, gatos falantes e anões, com a recorrência de eventos mágicos transformadores da trama da história. Normalmente, inicia-se um conto de fadas com a frase **era uma vez**, sem a explicação dos eventos anteriores ao início da história. Assim dá-se o efeito de suspensão da realidade, próprio da ficção, que permite ao leitor entrar em contato com o imaginário. Há ainda outras fórmulas para se começar um conto, e todas elas indicam uma temporalidade própria, em que existe um momento, em algum lugar nos quais os protagonistas podem ou não conquistar a felicidade eterna.

Segundo Gillig, não há um jeito único de se contar uma história, pois os contos de fadas têm o objetivo de entreter e fascinar os leitores, independentemente de serem adultos ou crianças, gerando neles as mais diversas emoções e sentimentos. Um conto pode ou não começar com o **era uma vez** e terminar com **viveram felizes para sempre**, mas de uma forma geral os contos são regidos pelos tempos verbais pretérito imperfeito e pretérito perfeito, ocorrendo no passado simples. Isto é, essas histórias ocorrem em um passado inacabado ou acabado, respectivamente.

Para Gillig e Vagula e Souza (2015) os contos de Andersen, escritos na Dinamarca do século XIX, são marcados por sua autenticidade, sendo muitos deles criados de fato pelo próprio autor, e não transcritos ou adaptados. Andersen adiciona um profundo sentimentalismo em suas obras, e nelas mistura realidade e fantasia. Em sua literatura, está presente um romantismo místico e cristão, próprio da cultura da época.

A pequena vendedora de fósforos é um desses contos de Andersen que contém um forte romantismo poético. A obra, publicada originalmente em 1845 possui um intenso tom baseado na realidade, por expor a situação de como as pessoas socialmente desfavorecidas viviam na sua época.

Tendo essas informações em vista, o presente artigo pretende compreender a função psíquica e o significado da fantasia no conto de Andersen A



pequena vendedora de fósforos, a partir do texto *Escritores criativos e devaneios*, desenvolvido por Freud, em 1908.

A ORIGEM DA OBRA

Para Eggensperger (2016) e Vagula e Souza o conto *A pequena vendedora de fósforos* de Andersen surpreende por começar com a declaração “fazia um frio terrível” (ANDERSEN, 2010, p. 204) e terminar com a morte da protagonista, quando, frequentemente, os contos de fadas clássicos começam com a frase **era uma vez** e terminam com **viveram felizes para sempre**. O cenário da obra é extremamente real, e a intervenção do maravilhoso fica apenas nas imaginações da menina, o que dá um forte tom inovador para a obra, por expor a realidade que muitas pessoas, inclusive o próprio autor, viveram no século XIX, na Dinamarca.

Campos e Claro (2009) explicam que as regiões próximas da Alemanha, como a Dinamarca do século XIX, passavam por muitas dificuldades, tanto pelas invasões prussianas quanto pela influência das conquistas de Napoleão Bonaparte, o que influenciou o estado de miséria do país. Nesse século, ocorreu também a I Revolução Industrial, responsável por acentuar as desigualdades sociais. De acordo com os autores, muitos camponeses ficaram sem receber seus salários pelo trabalho feito.

Faria (2018) explica que esse é o cenário no qual Andersen, dinamarquês, cresceu e viveu, o que influenciou a produção de suas obras. Campos e Claro esclarecem que a Dinamarca, país de origem do autor, sofreu influência das dominações alemãs e francesas, agravando o estado de miséria. Dentre as principais obras andersenianas que mostram o clima da época, a autora realçou o conto *A pequena vendedora de fósforos*.

Lassen (2018) e Eggensperger elucidam que dois anos antes da publicação do conto, em 1843, um almanaque dinamarquês publicou uma imagem de uma garotinha descalça de cabelos cacheados com uma caixa de fósforos na mão. A imagem foi desenhada por Johan Thomas Lundbye e transportada em xilogravura por Hans Christian Henneberg, um aprendiz de 16 anos. Junto com a imagem, foi publicado um texto de aproximadamente 30 linhas, de cunho moralista, orientando os vizinhos para não ajudarem crianças que pediam moedas na rua para se alimentar. O texto afirmava que os pais delas eram preguiçosos e mandavam seus filhos pedirem dinheiro. Quem as ajudasse apenas daria suporte à preguiça e promoveria nelas um espírito corrupto.



De acordo com Lassen, Andreas Flinch, responsável pelo almanaque, enviou essa imagem junto com outras duas a Hans Christian Andersen como forma de inspiração ao autor. No fim, em 1845, Andersen de fato escreveu um conto que se encaixou perfeitamente na xilogravura da menina vendedora de fósforos. Em 1846, foi publicado *A pequena vendedora de fósforos*, conto que trouxe uma ideia completamente diferente da do texto anterior.

Nessa obra, como Lassen, Vagula e Souza e Eggenspergger afirmam, Andersen revela um sentimentalismo romântico ao expor a condição social da menina, abordando a morte de uma criança sozinha no escuro e no frio, negligenciada pelos adultos. No entanto, ao mesmo tempo, a protagonista vai para o céu nos braços da avó. Essa contradição fez o conto se destacar, por ser sensível à situação vivida pelos mais desafortunados e por oferecer uma oportunidade de amor mesmo após a morte.



Figura 1: "Barefoot girl selling matches"³ (LASSEN, 2018)

Acima, pode-se observar a imagem que deu origem ao conto em questão, com as características que inspirariam Andersen a criar sua protagonista. Nota-se uma menina descalça, com uma sacola e uma caixa de fósforos na mão. Seu cabelo é cacheado e veem-se roupas típicas de classes mais pobres, o que condiz exatamente com a descrição da personagem do conto e

³ "Menina descalça vendendo fósforos". (Tradução da editora da revista *Scripta Alumni*).



mostra a atenção que o autor de contos de fadas tinha com as crianças de classes sociais mais baixas.

A FANTASIA NA OBRA *A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS*

A pequena vendedora de fósforos começa no pretérito imperfeito: "(...) fazia um frio terrível" (ANDERSEN, 2010, p. 204), sugerindo uma condição climática contínua. A protagonista, descalça, sem nada para proteger a cabeça, não conseguiu vender nenhum de seus fósforos e não ganhou nenhum níquel. Com certeza tomaria uma surra de seu pai, então procurou um canto entre duas casas para se aconchegar. Apesar do frio intenso, em casa não era melhor, pois lá só tinha um telhado com palha e trapos para impedir que o vento entrasse.

Para se aquecer, a menina começou a acender os fósforos. Quando acendeu o primeiro, viu uma estufa de ferro, bem quentinha, aparecendo em fantasia uma oportunidade de aquecimento. Mas logo o fogo se apagou, e ela precisou acender outro. O fogo era tão claro que iluminava através da parede da casa, e ela pode ver uma sala com talheres requintados e um ganso que corria em sua direção para ser comido. Ao acender outro fósforo, viu uma grande árvore de natal toda enfeitada com figuras coloridas e muitas velas acesas em seus ramos. Quando o fósforo se apagou, as velas subiram para céu e se transformaram em estrelas, sendo uma delas uma estrela cadente. A menina pensou que tinha alguém morrendo. A falecida avó, única pessoa em vida que a amara, ensinara-lhe que, quando alguém vê uma estrela cadente, uma alma está indo para o céu.

Ao acender mais um fósforo, a avó apareceu diante da menina em imagem, espírito e esplendor. Com o desejo de continuar junto de sua avó, a menina riscou todo o molho de fósforos. A imagem ficou clara e nítida, as duas se abraçaram e subiram juntas "para onde não há frio, nem fome, nem dor" (ANDERSEN, 2010, p. 207). O conto termina no pretérito perfeito, isto é, em um tempo verbal de um passado já acabado, indicando que seu sofrimento teve um fim:

Na madrugada seguinte, a menina jazia enroscada entre as duas casas, com as faces rosadas e um sorriso nos lábios. Morrera congelada na última noite do ano velho. O ano novo despontou sobre o corpo congelado da menina, que ainda segurava fósforos na mão, um molho já usado. "Ela estava tentando se aquecer", disseram as pessoas. Ninguém podia imaginar que coisas lindas ela vira e em que glória partira com



sua velha avó para a felicidade do ano-novo. (ANDERSEN, 2010, p. 208)

Silva e Vagula e Souza explicitam que, quando a morte se apresenta dessa forma nas obras de Andersen, o leitor pode ter a impressão de que o mal sobrepujou o bem. Na obra estudada, a negligência prevaleceu, provocando a morte da menina. No entanto, de acordo com as autoras, a morte apenas surgiu para tornar a heroína digna da felicidade, pois seu espírito continuou puro. Mesmo em meio a tanta crueldade, a menina se manteve virtuosa e boa, demonstrando, através de uma piedade cristã que a vendedora alcançou a felicidade eterna por ser boa.

Como Silva e Vagula e Souza observam, a morte foi anunciada mediante uma figura representacional, personificada na figura da avó, imagem iminente da morte da protagonista. O pensamento “alguém está morrendo” (ANDERSEN, 2010, p. 207) evidencia a breve existência ameaçada da menina. Outra situação explícita sobre a morte é:

“Oh, vovó!” a menina exclamou. “Leve-me com você! Sei que vai desaparecer quando o fósforo apagar - como aconteceu com a estufa quentinha, com o delicioso ganso assado, e com a alta e bela árvore de natal”. Mais que depressa ela acendeu todo o molho de fósforos, tal era o desejo de conservar sua avó exatamente ali onde estava. (...). Ela tomou a menina nos braços e juntas as duas voaram em esplendor e alegria, cada vez mais alto, acima da terra, para onde não há frio, nem fome, nem dor. Estavam com Deus. (ANDERSEN, 2010, p. 207)

Pode-se observar que a morte trouxe, de alguma forma, alegria e alento para a personagem, pois agora ela teve a chance de ficar com uma pessoa que a amara de verdade. A avó, ao mesmo tempo em que representa a morte, também representa a salvação da menina, ou seja, a morte não é algo necessariamente ruim, mas faz parte da realidade, podendo até ser uma oportunidade daquilo que não se teve em vida.

Vagula e Souza ainda salientam que, nos contos de Andersen, a morte tem duas características: canonizar a bondade da personagem ou se mostrar como um meio para se conquistar algum objetivo. No caso da vendedora de fósforos, a morte surgiu como uma forma de valorizar a pureza da protagonista. Andersen reformulou a visão de herói de sua época, pois a heroína da narrativa é uma mendiga que morre no final do conto, e mesmo assim vai para o céu. Para as autoras, a morte manifesta-se como transição, onde a alma da protagonista passa



a viver em um lugar melhor. Há um sentimento de felicidade ligado à morte na qual a personagem tem a chance de encontrar a alegria negada em vida: "Ninguém podia imaginar que coisas lindas ela vira e em que glória partira com sua velha avó para a felicidade do ano-novo" (ANDERSEN, 2010, p. 208).

Silva destaca que há dois pontos de vista narrativos. O primeiro se refere aos passantes genéricos da história: "Ela estava tentando se aquecer, disseram as pessoas" (ANDERSEN, 2010, p. 208). Notam-se certa frieza e indiferença pelo que a menina passou. Esses passantes genéricos não puderam ver as maravilhas que ela viu antes de morrer, ou seja, não tiveram acesso às fantasias e desejos da vendedora de fósforos, apenas constataram uma menina morta pelo frio. Se a história se passasse na visão genérica, ver-se-ia apenas uma menina enroscada entre duas casas, que acendeu um fósforo, depois outro, e depois outro, até acabar o molho. Depois disso a menina se deita com um sorriso no rosto, não se sabe o porquê, e morre.

O segundo ponto de vista se refere ao narrador em si, que tem a posição privilegiada de ser onisciente e saber o que se passa no mundo interno da menina. O ato de acender o fósforo é uma metáfora, de acordo com Silva, para se acessar o mundo imaginário da protagonista, podendo ter acesso aos desejos de calor, comida e afeto. A autora explica que há algo em comum entre as duas visões como a morte, as desigualdades, a pobreza, o frio, a noite e a véspera de ano novo. Há uma realidade brutal e injusta, na qual uma criança morre sem apoio de ninguém.

No entanto, há também diferenças entre as duas visões, pois na segunda temos a imaginação que conecta a menina às figuras da avó e do divino. O narrador, de acordo com Tatar, nos leva ao mundo mental e interno da protagonista, nos dando a oportunidade de perceber e até sentir o que a menina sente. O maravilhoso e a mágica dos contos de fadas, nessa história, acontecem no nível psicológico, representados no psiquismo e nas fantasias da protagonista.

UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A CONCEPÇÃO DE FANTASIA DE FREUD COM A VIDA EFÊMERA DA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Ao analisarmos o conceito de fantasia freudiano com a experiência da pequena vendedora de fósforos, pode-se observar que a menina, por viver em um ambiente altamente frustrante e faltante, começa a fantasiar situações nas quais ela se vê satisfeita e feliz. Na obra freudiana, a fantasia vem a ser um conceito complexo, sendo tanto um fator fundamental para a estruturação do psiquismo, como também um indicador da origem das neuroses, tanto históricas



quanto obsessivas. A fantasia então, nos primórdios da teoria, seria a expressão do sintoma por parte do sujeito. Existem as fantasias conscientes, conhecidas como devaneios, sonhos diurnos ou castelos no ar e as fantasias inconscientes, ou fantasias originárias, estruturantes e anteriores àquilo que se é manifesto.

Barros (2011) e Freud explicam que, com o tempo, o conceito se ampliou e não mais se limitou a etiologia das neuroses, se referindo à vida imaginária do sujeito, a sua realidade psíquica, isto é, a como o sujeito interpreta suas experiências. A fantasia passa a englobar os desejos mais profundos do sujeito, expressando uma relação com a falta. Seria uma forma de proteção e embelezamento dos fatos, para preservar o psiquismo de uma realidade frustrante.

Dessa forma os autores entendem a fantasia como uma ficção protetora, havendo uma reconfiguração distorcida da realidade, sem compromisso com ela, mas sim dedicada aos desejos do sujeito. Não há relação factual entre o inconsciente e a materialidade, o que leva o inconsciente a não identificar o que aconteceu de fato, mas sim a construir uma verdade, uma perspectiva por meio de uma catexia afetiva.

Nos devaneios da vendedora de fósforos, na fantasia nada mais lhe falta, ela consegue calor, saciedade e amor. As fantasias conscientes aparecem como uma forma de protegê-la de uma realidade brutal. O conteúdo maravilhoso da história se passa pelos sonhos diurnos da menina, sucedendo-se por diferentes imagens que representam suas necessidades sendo supridas.

Com base em Barros e Freud, percebe-se o frágil relacionamento da menina com a realidade, pois tudo o que a cerca é destrutivo. Por meio do desejo de agarrar-se a vida, a vendedora de fósforos utiliza-se da imaginação como uma última forma de tentar ver a realidade externa como algo não tão horrendo, mas sim como algo tolerável à sua existência. A fantasia é regida pelo princípio do prazer, perpassado por uma experiência dolorosa do princípio da realidade. A partir dessa experiência dolorosa, o psiquismo cria uma satisfação imaginária baseada em uma satisfação real não alcançada. A realidade se impôs de uma forma violenta, subjugando a vendedora de fósforos à rejeição. No entanto, há uma recusa do psiquismo à situação, havendo o investimento de uma pulsão⁴ de vida⁵ que a fez buscar aquilo que ela precisava, no nível mental.

Para Freud a vida imaginativa começa na infância, através do brincar. No brincar, a criança "cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os

⁴ Para Barros (2011), a pulsão é uma representação psíquica de alguma estimulação interna, delimitando o que é mental e físico. Não há um objeto específico para a pulsão, o que a faz ser construída na relação com um objeto que a satisfaça. Isso permite que a pulsão esteja ligada à fantasia, pois reconstrói a realidade a partir dos desejos subjetivos do sujeito.

⁵ Este trabalho não tem o objetivo de aprofundar os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte. Para quem se interessar por esses temas e por relacioná-los com a fantasia, olhar o texto de Barros, referenciado ao final deste artigo.



elementos de seu mundo de uma forma nova que lhe agrada?" (FREUD, 1908, p. 80). Nesse processo criativo, há um depósito de afetos, entendidos na psicanálise como catexias, que fazem a criança levar a sério seu mundo imaginativo. Nesse processo, a criança conecta os objetos de desejo aos objetos percebidos na realidade. Um processo semelhante pode ser observado nesta passagem da protagonista, ao tentar se aquecer do frio acendendo um fósforo:

Puxou um - rrec! -, como ele espirrava enquanto queimava! Surgiu uma luz clara e tépida, como uma vela, quando pôs a mão sobre ele. Sim, que luz estranha era aquela! A menina imaginou que estava sentada junta de uma grande estufa de ferro, com lustrosos puxadores de cobre e pés de latão. Que calor o fogo despendia! No instante em que ia esticando os dedos dos pés para aquecê-los também - a chama apagou e a estufa desapareceu. Lá ficou ela, com um toco de um fósforo queimado na mão. (ANDERSEN, 2010, pp. 205-206)

A menina utilizou-se dos objetos de que dispunha para recriar a realidade e buscar algum prazer na sua relação com ela. Brinca com a imaginação para preencher uma realidade intolerável que a leva ao desamparo e a morte.

Freud explica que a relação entre tempo e fantasia deve ser levada em consideração, pois ela sempre se modifica de acordo com as impressões subjetivas de cada indivíduo. Em cada contexto, os devaneios se adaptam à condição atual do sujeito. Para a ocorrência do fantasiar, uma situação presente deve despertar os desejos do sujeito, que o fazem evocar memórias de ocasiões passadas onde esses desejos foram satisfeitos, para assim projetar um futuro no qual esses prazeres possam ser saciados novamente. "Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une" (FREUD, 1908, p. 82). O excerto abaixo exemplifica esse processo:

Riscou outro fósforo contra a parede. Ele explodiu em chamas, e a parede que iluminava ficou transparente como um véu. Ela pôde ver direitinho dentro da sala, onde, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca como a neve, estava posta uma porcelana delicada. Bem ali, podia-se ver um ganso assado fumegante, recheado com maçãs e ameixas. E, o que foi ainda mais espantoso, o ganso saltou do prato e saiu gingando pelo piso, com uma faca de trinchar e um garfo ainda espetado nas costas. Rumou diretamente para a pobre



menininha. Mas naquele instante o fósforo apagou e só sobrou a parede úmida e fria diante dela. (ANDERSEN, 2010, p. 206)

A penúltima fantasia, prelúdio do encontro com a avó e com a morte, também expressa as memórias afetivas da menina, expondo seus desejos não concretizados na realidade:

Acendeu um outro fósforo. Agora estava sentada sob uma árvore de Natal. Era ainda maior e mais bonita do que uma que vira no Natal passado através da porta de vidro da casa de um comerciante rico. Milhares de velas ardiam nos ramos verdes, e figuras coloridas, como as que já vira em vitrines, contemplavam aquilo tudo. A menina esticou ambas as mãos no ar... e o fósforo se apagou. As velas de Natal foram subindo, subindo, até que ela viu que eram estrelas cintilantes. Uma delas se transformou numa estrela cadente, deixando atrás de si uma risca de fogo coruscante. (ANDERSEN, 2010, p. 207)

Percebe-se uma experiência satisfatória já presenciada, que ela não pode alcançar. A menina já vivera natais anteriores, mas não com uma árvore tão grande quanto àquela da sua imaginação. Para dar sentido a sua existência, a menina sonhou acordada, preenchendo sua realidade vazia com situações felizes e agradáveis, das quais não poderá satisfazer por completo em vida. O conto apresentou uma realidade que não dá sustento aos desejos infantis da heroína, o que a levou conseqüentemente a morte. Com a morte como passagem, a garotinha tem a chance de conseguir um projeto futuro não obtido em vida: carinho, amor, comida e proteção.

CONCLUSÃO

Com Freud, podemos ver a importância do fantasiar na vida humana, como uma capacidade criativa em que há a reformulação da realidade. Para Freud, a fantasia representa o brincar infantil na vida adulta, uma forma de rememorar os desejos primordiais e originais que irão nos tornar sujeitos. Para o autor, os contos de fadas, mitos e lendas, além de expressarem o desenvolvimento individual, exprimem também os sonhos seculares (FREUD, 1908, p. 84) do desenvolvimento da humanidade e da origem das nações, constituindo um



resquício das fantasias vividas de épocas distantes que perduram até hoje, representando a infância das civilizações.

O próprio Andersen em sua obra expressa as características elencadas por Freud para explicar a fantasia. De acordo com Faria, Gillig e Vagula e Souza, o autor nasceu em uma família miserável. O seu pai morreu na guerra e o menino precisou trabalhar desde os 11 anos de idade, em fábricas de tabaco e de pano, para poder se sustentar. Quando conseguiu entrar na escola, era mais velho que os outros meninos, que caçoavam dele por ser desengonçado. Seu primeiro contato com contos de fadas se deu com o pai, quando este os lia para ele dormir. A mãe, depois do segundo casamento, morreu em um hospital psiquiátrico, após ter sido internada, por ter desenvolvido alcoolismo.

Andersen, como autor de ficção inspirado nos contos de fadas, a partir de sua capacidade criativa e fantasiosa como escritor, construiu uma narrativa pela qual reelabora a miséria social com um toque afetivo e sentimental. O autor sonha possibilidades de alegria para aqueles completamente desprovidos dela.

No caso da vendedora de fósforos, os castelos no ar ou fantasias conscientes eram o que ela tinha para se agarrar ao resquício de vida que lhe restava, sendo o que lhe conferiu sentido a sua breve existência. Com os afetos, sua passagem para a morte pôde ser mais tolerável, exprimindo o mais profundo e universal desejo humano por acolhimento e amor. Somente após a morte, a felicidade foi alcançada, e a menina conseguiu o amor do qual precisava.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, H. C. *Hans Christian Andersen – The complete fairy tales*. 1. ed. London: Wordsworth Edition, 2009. (Wordsworth library Collection).

_____. A pequena vendedora de fósforos. In: _____ et al. *Contos de fadas: De Perrault, Grimm, Andersen & outros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 204-208.

BARROS, C. V. *O brincar e suas relações com a fantasia: Um estudo teórico-clínico construído a partir das reflexões sobre "O brincar e o estatuto da fantasia", categoria de análise da pesquisa "Indicadores de risco para o desenvolvimento infantil" (IRDI)*. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-14062011-160858/pt-br.php>. Acesso em: 13 out. 2018.

CAMPOS, F.; CLARO, R. *A escrita da história*. Volume único: Ensino médio. 2. ed. São Paulo: Escala Educacional, 2009.



EGGENSPERGER, K. O pictural, a fantasia e a morte: Observações sobre A menininha dos fósforos de Andersen. *Literatura e sociedade*, n. 23, São Paulo, 2016, p. 58-72.

FARIA, F. C. R. *A estética da recepção contribuindo para o ensino de literatura infantil: Uma experiência com o conto A pequena vendedora de fósforos, de Hans Christian Andersen (1805-1875)*. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1107>. Acesso em: 8 out. 2018.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: _____. "*Gradiva*" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Rio de Janeiro; Imago, 1908, p. 79-85. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. IX)

GILLIG, J. M. *O conto na psicopedagogia*. Tradução de Vanise Dresch. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LASSEN, H. *The little match girl in America and the topos of the dying child*. Disponível em: https://www.sdu.dk/en/Om_SDU/Institutter_centre/C_Narratologi/Publikationer/Netpublikationer/When+We+Get+to+the+End. Acesso em: 10 ago. 2018.

MACHADO, A. M. Apresentação: Um eterno encantamento. In: ANDERSEN, H. C. et al. *Contos de fadas: De Perrault, Grimm, Andersen & outros*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 7-16.

SILVA, A. G. Crônica de ano velho: As imagens míticas em "A pequena vendedora de fósforos" de Hans Christian Andersen. *Ariús*, v. 18, n. 1, Campina Grande, 2012, p. 178-184.

TATAR, M. Introdução. In: ANDERSEN, H. C. et al. *Contos de fadas*. 2. ed. comentada e ilustrada. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 7-18.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VAGULA, V. K. B.; SOUZA, R. J. A morte na literatura infantil de Hans Christian Andersen. *Caderno seminal digital*, v. 1, n. 23, Rio de Janeiro, 2015, p. 320-343.

